

CONSTRUÇÃO DE PROTÓTIPO DE ENSINO: UMA EXPERIÊNCIA COM O PROGRAMA KOTOBEE

Tatiani Daiana de NOVAES

Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN

Resumo: O presente artigo tem como objetivo descrever a experiência da construção de um protótipo de ensino de Língua Portuguesa com características interdisciplinares fazendo uso do programa Kotobee *Author* e analisar até que ponto o protótipo criado contempla as concepções de ensino da era digital, mais especificamente: a pedagogia dos multiletramentos, o paradigma da aprendizagem interativa e o webcurrículo. A pesquisa está situada no campo da Linguística Aplicada, principalmente nas concepções apresentadas em Moita Lopes (2006) e foi realizada a partir de uma abordagem qualitativo-interpretativista e descritiva. A criação do protótipo de ensino tem por base as concepções bakhtinianas de: enunciado concreto, esfera de atividade humana e gênero discursivo, além da concepção de condições de produção textual de Geraldi (1998) presente também na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). O estudo conclui que ainda que os protótipos, de uma maneira geral, não abranjam de forma completa o novo “ethos” dos sujeitos dos letramentos digitais, percebe-se que eles são materiais privilegiados, uma vez que potencializam: o ensino voltado para os letramentos digitais, a colaboração e a interatividade. Afinal, todo processo de mudança educacional é lenta e acontece de forma gradual.

Palavras-chave: Protótipo. Kotobee *Author*. Língua Portuguesa. Ensino na era digital.

BUILDING A TEACHING PROTOTYPE: AN EXPERIENCE WITH THE KOTOBEE PROGRAM

Abstract: This article aims to describe the experience of building a Portuguese Language teaching prototype with interdisciplinary characteristics using the Kotobee Author program and to analyze to what extent the prototype created contemplates the teaching concepts of the digital age, more specifically: the pedagogy of multiliteracies, the paradigm of interactive learning and the webcurriculum. The research is situated in the field of Applied Linguistics, mainly in the concepts presented in Moita Lopes (2006) and was carried out from a qualitative-interpretative and descriptive approach. The creation of the teaching prototype was anchored in the Bakhtinian conceptions of: concrete utterance, sphere of human activity and discursive genre, in addition to Geraldi's (1998) conception of textual production conditions also present in the Common National Curriculum Base (BRASIL, 2018). It is concluded that even though the prototypes do not fully cover the new “ethos” of the subjects of digital literacies, it is clear that they are privileged materials since they enhance: teaching aimed at digital literacies, collaboration and interactivity, after all, every process of educational change is slow and happens gradually.

Keywords: Prototype. Kotobee Author. Mother tongue. Teaching in the digital age.

CONSTRUÇÃO DE UN PROTOTIPO DE ENSEÑANZA: UNA EXPERIENCIA CON EL PROGRAMA KOTOBEE

Resumen: Este artículo tiene como objetivo describir la experiencia de construir un prototipo de enseñanza de la lengua portuguesa con características multidisciplinares utilizando el programa Kotobee Author y analizar en qué medida el prototipo creado contempla los conceptos de enseñanza de la era digital, más específicamente: la pedagogía de las multiletramentos, el paradigma del aprendizaje interactivo y el currículoweb. La investigación se sitúa en el campo de la Lingüística Aplicada, principalmente en los conceptos presentados en Moita Lopes (2006) y se realizó con un enfoque cualitativo-interpretativo y descriptivo. La creación del prototipo didáctico estuvo basado en las concepciones de Bakhtin de: enunciado concreto, ámbito de la actividad humana y género discursivo, además de la concepción de Geraldi (1998) de las condiciones de producción textual también presente en la Base Nacional Común (BRASIL, 2018). Se concluye que, si bien los prototipos no cubren completamente el nuevo “ethos” de los sujetos de los letramentos digitales, está claro que son materiales privilegiados ya que potencian: docencia orientada a letramentos digitales, colaboración e interactividad, al fin y al cabo, todo proceso de cambio educativo es lento y se produce de forma gradual.

Palabras clave: Prototipo. Autor de Kotobee. Lengua materna. Docencia en la era digital.

INTRODUÇÃO

As práticas discursivas sociais da atualidade estão intimamente relacionadas às Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação. Tais práticas alteraram as formas de ler, escrever, comprar, protestar, criar, produzir, aprender, relacionar-se etc. Isso tudo aponta para novas maneiras de ensinar e aprender, de produzir conhecimento e objetos digitais de aprendizagem. Assim, estamos em um momento em que se vem refletindo e questionando o futuro dos materiais didáticos impressos e investigando os materiais digitais.

Os multiletramentos exigem novas posturas, práticas e valores, uma vez que possuem outra lógica. Eles são, em sua essência, mais “participativos”, “colaborativos” e “distribuídos” do que os letramentos convencionais. Também são menos “individualizados” e “centralizados no autor” (LANKSHEAR; KNOBEL, 2007, p. 9).

A partir disso, faz-se necessário diferenciar: letramentos múltiplos, multiletramentos e novos letramentos. Enquanto letramentos múltiplos é a multiplicidade, variedade de letramentos, como o letramento geográfico, matemático, artístico etc.; multiletramentos são:

[...] as práticas de trato com os textos multimodais ou multissemióticos contemporâneos – majoritariamente digitais, mas também impressos –,

que incluem procedimentos (como gestos para ler, por exemplo) e capacidades de leitura e produção que vão muito além da compreensão e produção de textos escritos, pois incorporam a leitura e (re)produção de imagens e fotos, diagramas, gráficos e infográficos, vídeos, áudio etc. (ROJO, 2017, p.4).

Os novos letramentos ou letramentos digitais são:

[...] um subconjunto dos multiletramentos, definido, segundo Lankshear e Knobel (2007), pela “nova” tecnologia (digital) adotada, mas não principalmente. O que define fundamentalmente os novos letramentos, segundo os autores, é um novo “ethos”, isto é uma nova maneira de ver e de ser no mundo contemporâneo, que prioriza a interatividade, a colaboração e a (re)distribuição do conhecimento, ao invés da hierarquia, da autoria e da posse controlada e vigiada do conhecimento por diversas agências, como a escola, as editoras e a universidade (ROJO, 2017, p.4),

O que nos interessa nesta pesquisa são os protótipos de ensino baseados na concepção de letramentos digitais e criados a partir da pedagogia dos multiletramentos. Tal pedagogia baseia-se na ideia de formar os sujeitos com habilidades no campo do “saber fazer”, usando as diversas ferramentas relacionadas às práticas letradas.

Rojo (2017) conceitua os protótipos de ensino como materiais de ensino digitais abertos, flexíveis, interativos, editáveis, navegáveis, que possibilitam a interação e a colaboração de estudantes e, ao mesmo tempo, constituídos por um discurso autoral/professoral por meio do qual os docentes possam fazer escolhas, usar os textos, mídias etc. do seu próprio repertório.

Os protótipos não deixam de ser uma espécie de Objetos Digitais de Aprendizagem, doravante ODA. Segundo Araújo (2013), trata-se de um “recurso digital reutilizável que se presta a servir como ferramenta de ensino em diversos contextos educacionais”, podendo ser animações, games, propostas de atividades, infográficos, textos, simuladores, áudios etc. A esse respeito, Rojo (2017, p.13) acrescenta que, “no limite, qualquer objeto que circula na Web pode ser incluído como parte integrante de uma proposta de ensino, transformando-se, assim, em ODA”.

As principais características de um ODA são: a granularidade e a reusabilidade relativas. Segundo Mendes, Sousa e Caregnato (2004, p. 03), reusabilidade é quando o ODA “é reutilizável várias vezes em diversos ambientes de aprendizagem”; já a granularidade é “o conteúdo em

pedaços, para facilitar sua reusabilidade". As duas características podem estar presentes em protótipos de ensino e estão no protótipo que será analisado nas seções seguintes.

Este artigo tem como objetivos: a) descrever a experiência da construção de um protótipo de ensino de Língua Portuguesa com características interdisciplinares fazendo uso do programa *Kotobee Author*; e b) analisar até que ponto o protótipo contempla as concepções de ensino da era digital, mais especificamente, a pedagogia dos multiletramentos, o paradigma da aprendizagem interativa e o *webcurrículo*. A pesquisa está situada no campo da Linguística Aplicada¹, tendo por base, principalmente, as concepções apresentadas por Moita Lopes (2006) e foi realizada a partir de uma abordagem qualitativo-interpretativista e descritiva. A criação do protótipo de ensino foi ancorada nas concepções bakhtinianas de enunciado concreto, esfera de atividade humana e gênero, além da concepção de condições de produção textual de Geraldí (1998) presente também na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

Nesta primeira seção, foram apresentados a diferenciação entre letramentos múltiplos, multiletramentos e novos letramentos; o conceito de protótipo digital de ensino; e os objetivos do artigo. Na segunda seção, será apresentada a ancoragem teórica que alicerçou a criação do protótipo, ou seja, as concepções enunciativas da linguagem. Na terceira seção, foram trazidos para a arena de discussão, os conceitos de: pedagogia dos multiletramentos, paradigma da aprendizagem interativa e *webcurrículo*, que foram, neste artigo, chamados de concepções de ensino da era digital. A quarta seção se deteve em descrever resumidamente o protótipo de ensino e contar como se deu a sua concepção/criação. Na quinta seção, foram apresentadas as análises embasadas nas três concepções de ensino da era digital. Na última seção, estão as conclusões provisórias.

1. CÍRCULO DE BAKHTIN: ANCORAGEM TEÓRICA PARA A CRIAÇÃO DO PROTÓTIPO

A partir da compreensão de que os estudos da linguagem com base no Círculo de Bakhtin possuem o caráter necessário para as reflexões em torno dos estudos dos multiletramentos, esta

¹ Não se trata de aplicação de teorias linguísticas no ensino, mas de uma Linguística Aplicada "transgressora" e interdisciplinar (MOITA LOPES, 2006), com foco na prática social. O ensino proporciona uma em meio a tantas práticas sociais.

pesquisa, bakhtinianamente, levou em consideração a ação de educar como ato responsável². Assim, a construção do protótipo de ensino está embasada em uma perspectiva enunciativa da linguagem e nas concepções de enunciado concreto, esfera de atividade humana e gênero discursivo.

O enunciado concreto se realiza na interação entre o sujeito que fala ou escreve, o sujeito que lê ou ouve e o tema, que vai além do assunto principal. Esse movimento envolve aspectos relacionados aos valores axiológicos dos sujeitos da enunciação e ao contexto de produção. Diante disso, “o enunciado concreto (e não a abstração linguística) nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e seu significado são determinados basicamente pela forma e pelo caráter dessa interação (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 2021, p. 13). Neste estudo, houve um cuidado na criação do protótipo para que os textos – manifestos, cartas abertas, cartazes de protestos, abaixo-assinados on-line e petições on-line – fossem textos reais, que circularam na sociedade, enunciados concretos e não textos criados artificialmente para a atividade.

A esfera de comunicação/discursiva é o universo, o campo em que os gêneros circulam. Existem diversas esferas e elas produzem seus enunciados a partir das suas necessidades enunciativas. Tais enunciados acabam se materializando em gêneros discursivos. Para Brait (2000, p. 20), “não se pode falar de gênero sem pensar nas esferas de atividades em que se constituem e atuam, aí implicadas as condições de produção, de circulação e recepção”.

Para Bakhtin (Volochinov) (2014), as esferas sociais/comunicação/discursivas organizam e tipificam as interações dos gêneros discursivos. Assim, as esferas corporificam e solidificam relativamente os enunciados que circulam nelas. A principal esfera de comunicação trabalhada no protótipo de ensino pode ser considerada híbrida, pois é *cidadã*, *política* e *reivindicatória* ao mesmo tempo. A concepção de *esferas da comunicação* é explorada em vários momentos no protótipo: a) no capítulo intitulado *Qual é a linguagem apropriada para nos comunicarmos no universo da cidadania?*; b) em algumas atividades, quando se é perguntado onde circula o gênero; c) no capítulo intitulado *Vocês já pararam para pensar que, por meio da linguagem, nós*

² Para Bakhtin, especialmente em “Para uma filosofia do ato” (2012), o ato ético/responsável está relacionado com o modo singular, único e valorado de como os sujeitos agem. Os sujeitos são inteiramente responsáveis pelos seus atos no mundo. O ato ético e responsável integra a arquitetura do todo do sujeito humano.

podemos agir no mundo a ponto de mudar o rumo da história?, no qual são apresentados alguns suportes, ou melhor, algumas revistas em que manifestos clássicos foram publicados, ademais, quando é explorada a atmosfera artística e política do manifesto *Poesia Pau -Brasil*. Além da esfera da reivindicação, o protótipo trabalha também com a esfera midiática, por meio dos gêneros discursivos videominuto, videoclipe, que contempla também a canção de protesto, meme e *gif*. Isso acontece no sexto capítulo.

Sendo tipos relativamente estáveis, os gêneros discursivos são flexíveis e atendem às necessidades interacionais complexas e moventes dos sujeitos. Atendendo às necessidades sociais, inevitavelmente, eles também refletem mudanças históricas. É possível afirmar que os gêneros discursivos são resultados das necessidades enunciativas dos sujeitos, são flexíveis, refletem axiologias, acontecem de forma interacional e dialógica, dão o tom, enfim, norteiam os modos de dizer dos sujeitos e, ao mesmo tempo, são por eles norteados, características essas exploradas em atividades ao longo de todo o projeto pedagógico do material digital.

O protótipo de que trata este estudo traz práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística e se baseou, também, na ideia de condições de produção textual/discursiva de Geraldi (1998), que se apresenta um pouco mais detalhada na Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC (BRASIL, 2018). Há atividades que giram em torno de questões como: a) quem enuncia?; b) para quem se enuncia?; c) por que se enuncia?; d) a partir de quais posicionamentos ideológicos se enuncia?; e) em que situação/contexto se enuncia?; f) em qual momento histórico se enuncia?; g) a partir de que lugar social se enuncia?; h) em que suporte o enunciado está registrado?, entre outras questões.

2. PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS, PARADIGMA DA APRENDIZAGEM INTERATIVA E WEBCURRÍCULO: CONCEPÇÕES DE ENSINO DA ERA DIGITAL

Se parece óbvio que as novas tecnologias são parte essencial da vida social, há ainda muita resistência para que ela faça parte das práticas relacionadas à esfera da educação. Vídeos, simuladores, infográficos digitais, games, *áudio-books*, animações, mapas interativos etc., quando ocupam o espaço escolar, visivelmente não são os protagonistas, não são incorporados na prática pedagógica, apenas ilustram aquilo que é ensinado tradicionalmente, pelo menos por enquanto.

Na era digital, o sujeito se torna cada vez mais errante, disperso, mas também mais ativo e mais produtor de informação, passando a ser uma espécie de *curador* da sua própria trajetória, daquilo que lhe é disponibilizado. Assim, ele pode comentar, curtir, remixar, reescrever, editar, deixando de ser mero espectador, simples destinatário tornando o que Rojo (2012) chama de “lautor” (leitor/autor).

Como estratégia adotada, a intenção foi criar um protótipo de ensino de Língua Portuguesa sem cair na fetichização da tecnologia, até porque é sabido que educação pública, gratuita e de qualidade, na qual trabalhamos e a qual defendemos, é uma construção social. As tecnologias digitais podem contribuir para isso, se relacionadas com um conjunto de políticas públicas emancipadoras, tais como, o investimento em espaços alternativos de aprendizagem, a educação integral, a valorização da carreira docente, a dedicação exclusiva de professores, a formação continuada, inclusive, na área das novas tecnologias, entre outros fatores igualmente importantes.

O Grupo de Nova Londres estabeleceu algumas diretrizes a respeito da pedagogia dos multiletramentos, que tem como alicerce quatro ângulos pedagógicos orientadores que são: a prática situada; a instrução aberta; o enquadramento crítico e a prática transformada (COPE; KALANTZIS, 2009). A pedagogia dos multiletramentos é também chamada de pedagogia do design porque os estudantes se apropriam dos designs digitais e não digitais, desenvolvendo habilidades para serem leitores e escritores críticos dos designs disponíveis: vídeos, imagens, textos, games etc., tornando-se sujeitos capazes de recriá-los, o que Rojo (2012) chama de *redesign*.

Uma concepção importante de ensino na era digital e que dialoga com a pedagogia dos multiletramentos são os paradigmas de aprendizagem curricular e de aprendizagem interativa propostos por Lemke (2010). O paradigma curricular, muito conhecido, tem base na determinação de conteúdos escolares, em que o educador e a escola decidem o que os estudantes estudarão e quando, em que ordem farão isso. Já o paradigma de aprendizagem interativa seria “o paradigma do acesso à informação mais do que da imposição da aprendizagem” (LEMKE, 2010, p. 469). Nesse caso, o estudante atua como protagonista, decidiria o que e de qual maneira se daria o aprendizado, por sua vez, o docente teria o papel de consultor e mediador da aprendizagem:

No paradigma da aprendizagem interativa os estudantes assumem tópicos e interesses, problemas e compromissos deles próprios ou dos grupos dos quais participam. Eles encontrarão as categorias fundamentais, conceitos e princípios de todas as disciplinas básicas e, seja qual for a trilha que eles escolherem percorrer através das florestas do conhecimento, precisamente porque essas noções são de fato fundamentais e amplamente aplicáveis e, portanto, serão necessariamente encontradas onde quer que viajemos. Mas todos eles irão procurar para si mesmos uma educação essencialmente diferente, apenas com esse grau de compartilhamento que vem da interação com os outros e da utilidade comum das noções comuns (LEMKE, 2010, p. 471).

O que temos hoje nas escolas brasileiras é o paradigma curricular:

Paradigma dominante em instituições tais como escolas e universidades. O paradigma curricular assume que alguém decidirá o que você precisa saber e planejará para que você aprenda tudo em uma ordem fixa e em um cronograma fixo. Este é o paradigma do capitalismo industrial e da produção de massa baseada na fábrica. Desenvolveu-se simultaneamente a eles e em acordos filosóficos muito próximos; dá suporte às suas redes mais amplas de emprego e carreira e se assemelha a eles em autoritarismo, planejamento de cima para baixo, rigidez, escala econômica e incompatibilidades gerais ao novo mundo baseado no 'capitalista veloz'. Por parte dos alunos, há ampla recusa e resistência, e seus resultados finais promovem pouco mais de utilidade demonstrada no mundo não acadêmico do que promovem alguns letramentos textuais e certificados de membro da classe média (LEMKE, 2010, p. 469).

Outra concepção importante, que dialoga com a pedagogia dos multiletramentos e com o paradigma de aprendizagem interativa, é o webcurrículo. Segundo Almeida (2014):

O webcurrículo se desenvolve por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação, especialmente mediado pela internet. Uma forma de trabalhá-lo é informatizar o ensino ao colocar o material didático na rede. Mas o webcurrículo vai além disso: ele implica a incorporação das principais características desse meio digital no desenvolvimento do currículo. Isto é, implica apropriar-se dessas tecnologias em prol da interação, do trabalho colaborativo e do protagonismo entre todas as pessoas para o desenvolvimento do currículo. É uma integração entre o que está no documento prescrito e previsto [currículo estabelecido] com uma intencionalidade de propiciar o aprendizado de conhecimentos científicos com base naquilo que o estudante já traz de sua experiência. O webcurrículo está a favor do projeto pedagógico. Não se trata mais do uso eventual da tecnologia, mas de uma forma integrada com as atividades em sala de aula (ALMEIDA, 2014, p. 1).

As três concepções apresentadas nesta seção – a pedagogia de multiletramentos, o paradigma de aprendizagem interativa e o webcurrículo – serviram de alicerces para a análise do protótipo de ensino de Língua Portuguesa a ser apresentado nas próximas seções.

3. A CONSTRUÇÃO DE UM PROTÓTIPO DIGITAL

O protótipo de ensino foi criado pela autora do artigo, fazendo uso do programa *Kotobee Author*, sendo resultado de uma das atividades do pós-doutorado realizado na Universidade de São Paulo, no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, na linha *Linguística Aplicada do Português*. Para os encaminhamentos da construção, foram realizadas reuniões entre a pesquisadora e a supervisora, via *Skype*, pois se tratava de um momento de pandemia ocasionada pela covid-19, objetivando discutir e compartilhar referências teóricas e práticas pedagógicas para o amadurecimento do protótipo. Nessa etapa do processo, foi decidido, entre outras questões, que o programa *Kotobee Author* teria potencial para os objetivos propostos e que o fio condutor do objeto de ensino não seriam os gêneros discursivos, mas, sim, uma grande temática.

Posteriormente, foi organizado um planejamento para a elaboração do protótipo. Já era uma ideia de a pesquisadora trabalhar com gêneros da esfera da reivindicação e da cidadania, como: manifesto, cartaz de protesto, carta aberta, abaixo-assinado on-line e petição on-line, uma vez que a pesquisadora já realizou um trabalho com seus estudantes, remotamente, fazendo uso dessa esfera comunicativa. Foi pensado, ainda, na inserção de gêneros originalmente digitais, uma vez que um dos objetivos do projeto é, também, desenvolver o letramento digital, então, foram escolhidos: o meme, o videominuto, o videoclipe, nele o gênero canção, e o gif. Esses gêneros, apesar de não serem tipicamente de protesto, podem trazer uma crítica social na sua temática, adequando-se, assim, ao propósito do projeto. Além disso, eles comunicam as pautas reivindicatórias de forma mais rápida, prazerosa e/ou divertida.

Kotobee é um programa pago que também possui uma versão gratuita para o *Windows* e o *Mac*, que, ao ser baixado no computador, possibilita que o usuário crie e-books com funcionalidades, ou seja, é possível colocar imagem, áudio, atividades, âncora, vídeos, hiperlinks, widget, equação, imagem 3D e atividades como verdadeiro ou falso, de marcar X, de resposta curta, de arrastar e soltar etc., nem todas as funcionalidades, mas grande parte é liberada na

versão gratuita do programa. Para a criação do protótipo descrito neste artigo, foi usada a versão gratuita, que tem como principais obstáculos a limitação de número de capítulos e de *megabytes*.

O programa possui uma espécie de assessoria por e-mail que responde prontamente a todas as dúvidas enquanto o usuário cria seu *e-book* interativo e multissemiótico. Isso acontece, inclusive, na versão gratuita. O protótipo foi publicado sem custos em uma nuvem que é a biblioteca virtual do KOTOBEE (2022).

O grande tema escolhido para o protótipo foi: *Como podemos agir no mundo e transformá-lo? Como podemos fazer isso coletivamente?*. O produto didático possui oito capítulos, sendo que um deles contém quatro subcapítulos. Os capítulos foram organizados conforme disposto no Quadro 01, a seguir.

Quadro 01. Descrição dos capítulos

Título do capítulo	Perguntas motivadoras	Breve descrição do capítulo
1 Como podemos agir no mundo e transformá-lo?	Como podemos agir no mundo e transformá-lo? Como podemos fazer isso coletivamente?	1- Apresentação de uma reflexão freiriana sobre conscientização. Imagem de Paulo Freire e de crianças segurando um globo terrestre. Roda de conversa sobre como a empatia pode transformar o mundo, isso a partir de trechos de um filme “Corrente do bem” (não precisa sair do protótipo para assistir, o vídeo está dentro dele). 2- Relação interdisciplinar com o componente curricular “Relações interpessoais”, leitura de matéria sobre atitudes para ter uma comunicação mais empática (hiperlink) e interpretação de uma animação intitulada “O que é empatia?” (também não precisa sair do protótipo para assistir). Questão de interpretação sobre a matéria “Importância da Empatia, o sentimento que pode mudar a sociedade” (hiperlink).
2 Você já ouviu a frase “parafraseando fulano”?	Você já ouviu a frase “parafraseando fulano”? O que significa? Como fazer uma pesquisa, uma atividade escolar, reescrevendo com suas palavras o que foi lido? Quais são as estratégias para realizar uma boa paráfrase, citação e uma referência adequada?	1- Exemplos, estratégias e passos para fazer uma paráfrase. Não há atividade específica porque o estudante fará paráfrase durante todo o protótipo, aliás, isso é enunciado no início da seção. Imagem da Frida Kahlo porque a frase dela é usada como exemplo. 2-Exemplos e explicações sobre citações e referências.

<p>3 Vocês conhecem a história de jovens que interferiram na realidade e lutaram por direitos e valores?</p>	<p>Vocês conhecem a história de jovens que interferiram na realidade e lutaram por direitos e valores? Você sabe o que é protagonismo juvenil? Você conhece a história de Malala Yousafzai, Dylan Mahalingam, Louis Braille, Serven Cullis-Suzuki, Brittany Wenger, entre outros jovens que fizeram a diferença no mundo? E a história de Rene Silva, você conhece?</p>	<p>1- Pesquisa e compartilhamento sobre possíveis protagonistas juvenis da escola/do bairro/da cidade. Jogo do bastão, discussão sobre protagonismo juvenil, tudo isso a partir do vídeo sobre a história da vida de Rene Silva no TED X UNISUAN. 2- Indicação de leitura “Eu sou a Malala”. Imagem do livro e do Rene Silva.</p>
<p>4 As manifestações públicas podem ser uma forma de agir no mundo? Como?</p>	<p>As manifestações públicas podem ser uma forma de agir no mundo? Como? Você já participou de alguma manifestação pública? Qual?</p>	<p>1-Explicações sobre o termo “política” e o quanto ela está presente no dia a dia (hiperlink para ampliação da discussão). 2- Relação interdisciplinar com Sociologia, indicação de leitura (hiperlink do PDF) e de videoaula sobre Max Weber (hiperlink). 3- Questões de interpretação sobre movimentos sociais a partir de imagens do movimento social “Ocupa Escola de 2016” e do vídeo de uma estudante defendendo o movimento na assembleia legislativa do Paraná. As imagens do movimento passam em um quadro e podem ser ampliadas. 4- Atividade sobre as marcas da oralidade e oratória (a partir do vídeo). Atividade sobre movimentos sociais clássicos (de mulheres, negros, trabalhadores etc.) 5- A partir do minidocumentário sobre o movimento “Ocupa”, há uma atividade de análise linguística sobre a diferença entre “invadir e ocupar”. Não precisa sair do protótipo para assistir aos vídeos.</p>
<p>5 Qual é a linguagem apropriada para nos comunicarmos no universo da cidadania?</p>	<p>Qual é a linguagem apropriada para nos comunicarmos no universo da cidadania? Quais são os gêneros textuais próprios da esfera da participação social e da reivindicação?</p>	<p>1- Explicações sobre gêneros textuais/discursivos, esfera discursiva e projeto enunciativo. 2- Atividades interativas sobre gêneros orais da esfera da reivindicação (de marcar X) com resposta/correção na hora.</p>
<p>6 Quais gêneros midiáticos comunicam bem as questões relacionadas à reivindicação social?</p>	<p>Quais gêneros midiáticos comunicam bem as questões relacionadas à reivindicação social? Vocês conhecem videominutos, memes, gifes, vídeos, canções de protesto e de consciência social?</p>	<p>1- Apresentação de um videominuto premiado “Preconceito” – atividade reflexiva sobre o elenco, os locais, a trilha sonora, os estímulos visuais, os ângulos da filmagem, as mensagens escritas, a sequência (introdução, progressão e finalização), o efeito de sentido. Dicas/estratégias para a produção de um videominuto. 2- Canção e videoclipe de protesto “Emicida – AmarELO”, atividades</p>

		sobre os efeitos de sentido. Relação interdisciplinar com o componente “Arte” na sugestão de leitura do artigo do Brasil Escola sobre música de protesto (hiperlink). Não precisa sair do protótipo para assistir ao videominuto e ao videoclipe. 3- Apresentação do meme sobre preconceito, atividade sobre o objetivo comunicativo e os elementos composicionais. 4- Apresentação de um gif político sobre armas. Atividade sobre projeto enunciativo e marcas composicionais. A seção finaliza com dicas, passo a passo de um site de como criar um gif com imagens e indica o link de um tutorial de como criar a partir de vídeos.
7 Quais são os principais problemas que a nossa comunidade escolar precisa enfrentar?	Quais são os principais problemas que a nossa comunidade escolar precisa enfrentar? Como podemos definir uma pauta reivindicatória coletiva? Como se realiza uma enquete? Ela é a estratégia mais indicada para a definição de uma reivindicação comum? Qual seria outra estratégia?	1- Imagens de cartazes de protesto que passam em um quadro que podem ser ampliadas. 2- Organização de trabalho em pequenos grupos para identificação da pauta coletiva. Dicas de oralidade e oratória, apresentação das discussões dos grupos. 3- Relação interdisciplinar com o componente curricular “Seminário de Pesquisa”, encaminhamento da organização coletiva da enquete.
8 Como podemos organizar uma campanha nas redes sociais?	Como podemos organizar uma campanha nas redes sociais?	1- Encaminhamentos e organização de uma campanha nas redes sociais a partir da pauta e dos gêneros definidos coletivamente. 2- Auto-avaliação do trabalho.

Fonte: da autora, 2021

No Quadro 02, há uma breve descrição de quatro subcapítulos do capítulo: Qual é a linguagem apropriada para nos comunicarmos no universo da cidadania?.

Quadro 02. Descrição dos subcapítulos

Título do subcapítulo	Perguntas motivadoras	Breve descrição do subcapítulo
1 Vocês conhecem o gênero textual cartaz de protesto?	Vocês conhecem o gênero textual cartaz de protesto? Já produziram algum? Já repararam como eles são repletos	1- Apresentação de 3 cartazes de protesto, a partir deles, atividades interativas de verdadeiro ou falso com resposta imediata (a respeito de pistas semânticas e semióticas e sobre o contexto de produção). Atividades sobre: diferença de polissemia e ambiguidade, crítica implícita no cartaz, uso de expressões. Criação e

	de sofisticação semântica?	apresentação de um quadro com informações sobre o contexto de produção dos cartazes entre outras informações. 2- Atividade a partir de campanha/ensaio fotográfico de pessoas que sofreram racismo e seguram cartazes com a frase preconceituosa que já ouviram. Imagens de cartazes da campanha passam em um quadro e podem ser ampliadas. 3- Sugestão de atividade interdisciplinar com o componente curricular “Fotografia básica”. 4- Atividade em que os estudantes concluem quais são as marcas típicas do gênero. 5- Indicação de leitura: um cartaz em que alunas do curso de Ensino Médio Integrado em Lazer do Instituto Federal do Rio Grande do Norte protestam contra a proibição de uso de <i>legging</i> na escola: “Legginglize: a malícia está nos olhos de quem vê”.
2 Vocês conhecem o gênero textual carta aberta?	Vocês conhecem o gênero textual carta aberta? Sabem qual é a sua função social, o seu objetivo enunciativo?	1- Carta aberta aos comediantes, carta aberta à população brasileira, questões sobre: o contexto de produção, a diferença entre carta pessoal, carta aberta e artigo de opinião. 2- Atividades de análise linguística sobre a relação que algumas expressões estabelecem (de adição, de conclusão, de temporalidade). Atividade de corresponder partes do texto com: argumento, tese, elemento coesivo, marca da interlocução, reinteração do tema, previsão do argumento contrário, fonte do argumento, entre outros aspectos. 2- Indicações de leitura de outras cartas abertas (hiperlinks), atividade em que o estudante concluiu quais são as marcas composicionais do gênero a partir das leituras. 3- Indicação de duas videoaulas do <i>Brasil Escola</i> sobre carta aberta (hiperlink).
3 Vocês já pararam para pensar que, por meio da linguagem, nós podemos agir no mundo a ponto de mudar o rumo da história?	Vocês já pararam para pensar que, por meio da linguagem, nós podemos agir no mundo a ponto de mudar o rumo da história? Já leram ou ouviram falar sobre os manifestos: Comunista, Poesia Pau-Brasil, Antropófago, Surrealista? Vocês conhecem o gênero textual manifesto?	1- Imagem do Oswald de Andrade, trechos do Manifesto Pau-Brasil (link para o texto completo), explicação de alguns termos usados no manifesto, atividades sobre: interlocutores, local de circulação, intenção comunicativa, tese, argumentos, linguagem. Explicações sobre o objetivo enunciativo do gênero. Hiperlinks que levam à leitura completa de manifestos clássicos relacionados com a Arte e mais informações sobre o Modernismo Brasileiro. 2- Apresentação dos meios de circulação de alguns manifestos clássicos, imagem da “Revista de Antropofagia” e “A Revista”. 3- Relação interdisciplinar com o componente curricular “História”, leitura do artigo sobre o contexto da Semana de Arte Moderna no <i>Brasil Escola</i> e videoaula (hiperlinks). 4- Apresentação de trechos do Manifesto Comunista (hiperlink para o texto completo), estudo do vocabulário, questões de interpretação sobre interlocutores, local de circulação, intenção comunicativa, o ponto de vista, argumentos, linguagem. Explicação sobre o Manifesto Comunista. 5-

		Relação Interdisciplinar com a Sociologia, indicação de videoaula sobre Karl Marx e do artigo do <i>Brasil Escola</i> a respeito do tema (hiperlink). 6- Apresentação de trechos do “Manifesto do Corinthians”, atividades sobre os interlocutores, local de circulação, intenção comunicativa, tese, argumentos, linguagem. 5- Indicação de leitura de outros manifestos, atividade sobre a linguagem adequada para o gênero.
4 O que vocês fazem quando identificam um problema na comunidade?	O que vocês fazem quando identificam um problema na comunidade? Vocês já tentaram resolver alguma insatisfação na rua onde moram ou na escola em que estudam? Vocês conhecem os gêneros textuais: petição on-line e abaixo-assinado?	1-Apresentação da petição sobre a troca do termo "Deficiente" por "Pessoa com limitação" e abaixo-assinado em defesa da Aldeia Maracanã. Atividades para diferenciar esses dois gêneros e para organizar informações relacionadas ao contexto de produção entre outros aspectos. 2- Indicações de leitura de duas petições, atividades sobre argumento/contra-argumento e sobre operadores argumentativos. Indicação de videoaulas sobre operadores argumentativos e coesão referencial (hiperlink). Atividade de coesão referencial a partir dos dois textos apresentados na seção. 2-Atividade para diferenciar os gêneros: carta aberta, manifesto, abaixo-assinado e petição. 3- Dicas de escrita/passo a passo de como produzir abaixo-assinado e petição on-line em sites próprios para isso: https://www.change.org/petitions https://www12.senado.leg.br/ecidania

Fonte: da autora, 2021.

Há relações interdisciplinares com componentes curriculares presentes em cursos de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional, entre eles, Relações Interpessoais, Fotografia Básica e Seminário de Pesquisa. Essas relações também estão presentes nos conhecidos componentes curriculares do Ensino Médio como Sociologia, Arte e História como se pode verificar nas descrições feitas nos quadros apresentados.

Ao inserir os vídeos no *Kotobee*, eles aparecem para o usuário/leitor como um retângulo preto, enquanto o audiovisual não está sendo assistido, mas o programa permite, em uma funcionalidade chamada *design*, que a edição seja feita e que, no lugar do retângulo preto, apareça uma imagem. Em todos os casos, foram escolhidas imagens que são *prints* de partes dos vídeos, como na imagem abaixo, capturada a partir do ponto de vista de quem edita e não de quem lê/usa o protótipo.

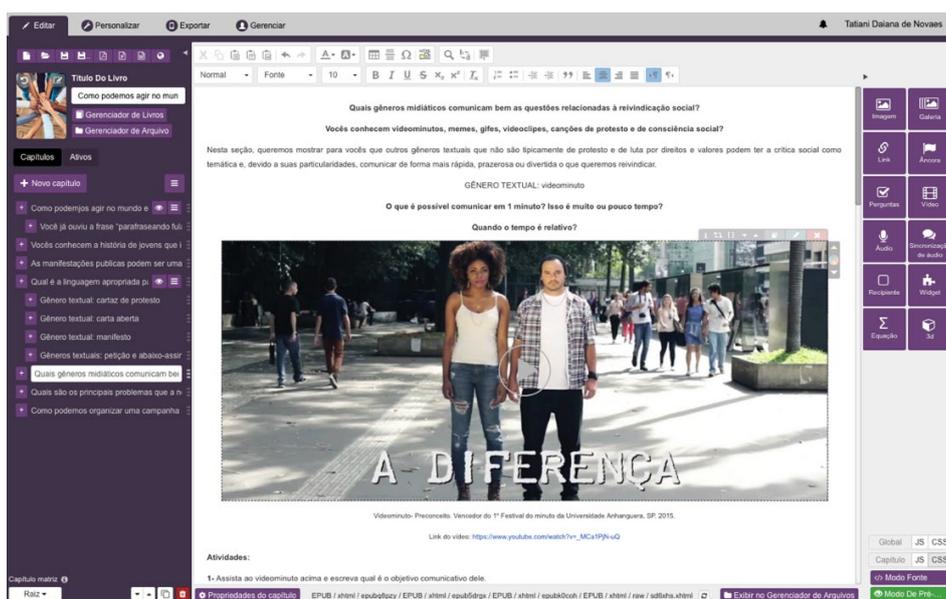


Figura 1 – Imagem do sexto capítulo do protótipo “Quais gêneros midiáticos comunicam bem as questões relacionadas à reivindicação social?”

Fonte: da autora, 2021.

Ao final de cada capítulo e subcapítulo, são descritos os principais objetivos da seção e há uma pergunta ou um pequeno parágrafo que aponta para o que será trabalhado em uma próxima seção. Isso não impede que os capítulos e subcapítulos sejam trabalhados separadamente e/ou fora da ordem, se esse for o desejo dos estudantes e professores, uma vez que uma seção não é pré-requisito da outra.

Depois de criado o protótipo, o programa permite salvar/exportar o arquivo para: EPUB, EPUB criptografado, *Kindle*, PDF, *Word .Doc*. Também é possível exportar para um aplicativo da web, para um aplicativo móvel nativo, para o hospedeiro on-line e para a biblioteca on-line do *Kotobee*, opção escolhida pela pesquisadora. Mesmo depois de publicado, a pesquisadora conseguiu fazer alterações e republicar o protótipo. Ele passa a ser armazenado em outro endereço de biblioteca.

Uma opção para a escola que tem uma conexão fraca é, ao criar o protótipo, salvar vídeos, imagens, sons na própria galeria do programa. Isso acaba usando bastante espaço em megabytes, mas, dessa maneira, o estudante precisará de internet apenas para baixar o *Kotobee Reader* no seu celular, tablet ou computador. Depois de baixado, é possível usá-lo sem internet. Os *hiperlinks* não poderão ser abertos nessa versão, porém, é possível ter acesso a todos os outros materiais.

4. DISCUSSÃO: ANÁLISE DO PROTÓTIPO

A primeira questão a ser analisada é se o objeto de aprendizagem criado e disponibilizado na biblioteca do *Kotobee* se caracteriza como um protótipo de ensino. Afirmamos que sim. O protótipo/objeto de aprendizagem criado não é o programa de ensino, não é propriamente o currículo, mas contribui, ou seja, pode ser utilizado para que o docente atinja os objetivos de aprendizagem estabelecidos pelo programa de ensino. Diante disso, é possível afirmar que ele não se assemelha a um livro didático, pois este, sim, contempla todo o programa. Uma diferença é que o livro é marcado pela autoria, enquanto o protótipo não. O protótipo é uma estrutura vazada, ao adquirir o número de série – o primeiro autor precisa disponibilizar esse número – e instalar o *kotobee* no computador, outro professor/estudante pode, por exemplo, alterar os vídeos, acrescentar exemplos e editar tudo da maneira que desejar.

O protótipo/objeto de aprendizagem criado também difere em parte da sequência didática. De acordo com Schneuwly e Dolz (2004, p. 97), as sequências didáticas “são um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual”. As sequências didáticas diferem do protótipo porque não possuem, obrigatoriamente, uma relação interdisciplinar, geralmente, não são feitas de materiais multissemióticos e objetivam esgotar um gênero textual/discursivo, já o protótipo não, ou pelo menos não, necessariamente.

A segunda questão a ser analisada é se o protótipo criado se relaciona com a concepção de webcurrículo. Pensa-se que isso acontece parcialmente. O protótipo, de fato, está inserido e é desenvolvido por meio das tecnologias digitais da informação e da comunicação; é um material totalmente informatizado, digital, disponibilizado na rede; também é um objeto de aprendizagem que instiga o trabalho colaborativo e o protagonismo juvenil, o que ocorre, por exemplo, no capítulo intitulado: *Vocês conhecem a história de jovens que interferiram na realidade e lutaram por direitos e valores?*. Além disso, o protótipo explora, especialmente nas perguntas norteadoras, as experiências dos estudantes, como em *Vocês já tentaram resolver alguma insatisfação na rua onde moram ou na escola em que estudam?*, no capítulo em que o abaixo-assinado e a petição online são trabalhados.

Porém, o protótipo multissemiótico de ensino, por si só, não incorpora o digital na vida escolar, sozinho ele não integra efetivamente as tecnologias digitais e o currículo prescrito. Para isso, a cultura do impresso na escola teria de mudar e deveria ser ampliado o acesso à internet.

A terceira questão a ser analisada é se o protótipo criado dialoga com o paradigma de aprendizagem interativa. Pensa-se que sim. Isso porque não há imposição nem exposição de conteúdos. Nesse processo, é o estudante que atua como protagonista e constrói os saberes por meio do diálogo com o protótipo. Em nenhum momento, o material digital multissemiótico descreve, por exemplo, a diferença de polissemia e ambiguidade, as características dos movimentos sociais, os elementos composicionais do vídeo-minuto, da carta aberta ou de qualquer outro saber escolar, porém, o estudante é instigado a refletir sobre isso e ele constrói esses conhecimentos, por exemplo, por meio da pesquisa, do trabalho em grupo e das leituras de várias cartas abertas. É o que se busca promover em *A partir das leituras de todas essas cartas abertas, das reflexões anteriores e de uma pesquisa na internet, conclua quais são as características típicas desse gênero*, no capítulo em que o gênero carta aberta é trabalhado.

O protótipo culmina na criação de uma campanha nas redes sociais. Nesse caso, também é o estudante quem decide a pauta reivindicatória e os gêneros discursivos a ser usados. Nada é imposto. O protótipo encaminha, faz questionamentos, sugere alguns trabalhos para mediar o processo, como o *brainstorming* e a enquete, por exemplo, mas a escolha da pauta reivindicatória é coletiva e de interesse dos estudantes. Como preconiza a aprendizagem interativa, o professor passa a ser muito mais um consultor/mediador de aprendizagem.

A quarta questão a ser analisada é verificar se o protótipo criado contempla os quatro ângulos pedagógicos orientadores da pedagogia dos multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2009): a prática situada; a instrução aberta; o enquadramento crítico e a prática transformadora. No que se refere a *Situated Practice/Prática Situada*, acredita-se que o protótipo contempla parcialmente. As atividades são significativas, não reforçando um ensino de memorização, mas de reflexão sobre as práticas discursivas. Fica explícito que o que está sendo estudado – argumentação, política, empatia, abaixo-assinado online etc – será utilizado na vida pública, pois há uma aplicabilidade, é algo útil. As atividades são encaminhadas de modo que os estudantes construam os saberes de maneira consciente e a partir dos seus interesses e necessidades, como na atividade final, em que eles vão construir uma campanha nas redes sociais.

As características identitárias e as necessidades socioculturais são contempladas no protótipo em vários momentos, por exemplo, na preocupação em valorizar a cultura dos sujeitos da comunidade. É o que ocorre na atividade: *Você conhece a história de algum jovem da sua escola, comunidade, bairro ou cidade que surpreendeu a sociedade com seu protagonismo em prol da coletividade? Conte-nos como a ação dele melhorou a vida de outras pessoas. Se não conhece, responda como os jovens podem, por meio do protagonismo juvenil, contribuir com seu entorno?*.

A mesma preocupação pode ser verificada quando são trazidos para a discussão, por meio de atividades, documentário e vídeo de uma estudante com questões sobre o movimento social estudantil secundarista intitulado #ocupaEscola, que aconteceu no Brasil, em 2016, no capítulo intitulado *As manifestações públicas podem ser uma forma de agir no mundo? Como?*. Outro exemplo de que essas questões são contempladas no protótipo é quando ele traz a cultura do rap por meio do videoclipe *Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e Pablllo Vittar* e na discussão em torno do vídeo-minuto premiado chamado *Preconceito*.

No que se refere à *Overt Instruction/Instrução Aberta*, é importante afirmar que ao contrário do que o termo acaba transmitindo, essa orientação pedagógica não se refere ao repasse direto de conhecimento ou a atividades de repetição e memorização. Refere-se à interferência ativa do professor e de especialistas, à valorização do trabalho colaborativo e à transformação/ampliação do que os estudantes já sabem para um conhecimento científico, escolarizado.

Essas preocupações podem ser comprovadas no protótipo, em várias partes, por meio de hiperlinks de artigos e de videoaulas que são sugeridos nas seções. Nesses *hiperlinks*, são trazidas, por exemplo, as vozes de professores especialistas do *Brasil Escola*; a voz de um advogado articulista que estuda questões de ciência política, quando o conceito de política é trabalhado no quarto capítulo; e a voz de uma especialista em desenvolvimento humano, quando a comunicação empática é trabalhada no primeiro capítulo. Tais vozes contribuem para a construção de um conhecimento mais sistematizado e especializado.

A valorização do conhecimento prévio dos estudantes e das suas vivências é marcada, principalmente, pelas perguntas norteadoras como em *Vocês já pararam para pensar que, por meio da linguagem, nós podemos agir no mundo a ponto de mudar o rumo da história? Já leram*



ou ouviram falar sobre os manifestos: Comunista, Poesia Pau-Brasil, Antropófago, Surrealista?, no terceiro subcapítulo; e em *O que vocês fazem quando identificam um problema na comunidade? Vocês já tentaram resolver alguma insatisfação na rua onde moram ou na escola em que estudam? Vocês conhecem os gêneros textuais: petição online e abaixo-assinado?*, no quarto subcapítulo. As perguntas norteadoras também dão as diretrizes de como e o que será discutido nos respectivos capítulos e no subcapítulo. Toda a seção parte dessas perguntas que acabam dando um diagnóstico daquilo que os estudantes, ou alguns deles, já sabem ou vivenciaram. Assim, o trabalho colaborativo é marcado pelas atividades em grupos e em duplas, que deve ter a presença orientadora do professor.

Em relação ao *Critical Framing/Enquadramento Crítico*, percebe-se que o protótipo como um todo auxilia os estudantes no desenvolvimento de um olhar crítico a respeito do social, do político, do ideológico e no enquadramento dos saberes na prática. Especialmente na atividade final, fica visível que o protótipo contribuiu para emoldurar o aprendizado na prática, relacionando conscientemente os saberes aprendidos com as questões culturais, sociais, históricas, do campo da reivindicação e da cidadania. Tal criticidade também é contemplada na autoavaliação encaminhada no último capítulo, quando o protótipo conduz os estudantes para um movimento exotópico³, ganhando, assim, uma distância da campanha realizada nas redes sociais, para que o estudante possa criticar de modo construtivo o seu próprio trabalho.

Por fim, no que se refere à *Transformed Practice/Prática Transformadora*, acredita-se que a atividade final é um bom exemplo de resgate, implementação e aplicação dos conhecimentos construídos anteriormente que são colocados em prática a partir dos projetos enunciativos e valorativos dos estudantes, fortalecendo a prática pedagógica espiralada. Além disso, a atividade é uma forma de intervenção social que contribuiu para a transformação de realidades. Trata-se de um importante momento que, por meio da Instrução Instrução Aberta e do Enquadramento Crítico, os saberes escolares são transformados em realidade.

Para que os quatro ângulos pedagógicos orientadores da pedagogia dos multiletramentos sejam, de fato, colocados em prática, faz-se necessária, portanto, uma boa

³ O movimento exotópico de que tratamos se refere aos estudos bakhtinianos iniciados em 1919 e que foram desenvolvidos mais amplamente entre 1922 e 1944. O termo vem de de exotopia/“exotopie”, ou seja, um lugar exterior. São os desdobramentos de olhares tendo como referência um lugar exterior (AMORIM, 2014, p. 95-96).

mediação do professor. O que se pretendeu fazer ao criar o protótipo de ensino foi produzir um material navegável que valorizasse o discurso autoral docente, que estivesse à serviço de uma formação voltada para os multiletramentos, a partir da pedagogia por *Design*, voltando-se para o paradigma interativo e para o webcurrículo.

CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Apenas produzir protótipos de ensino não é suficiente para contemplar amplamente o paradigma de aprendizagem colaborativa, a construção de um webcurrículo e colocar em prática a pedagogia dos multiletramentos, pois não basta introduzir objetos digitais de aprendizagem para termos uma mudança na cultura escolar. Porém, é possível afirmar que eles são ferramentas de ensino importantes na construção da transição gradual para essa realidade.

Ainda que o protótipo apresentado, e os protótipos de uma maneira geral, não abranja, de forma completa, o novo *ethos* dos sujeitos dos letramentos digitais, percebe-se que eles são materiais privilegiados, uma vez que potencializam o ensino voltado para os letramentos digitais, a colaboração e a interatividade. Todo processo de mudança educacional é lenta e acontece de forma gradual.

No que se refere a estudos futuros, pretende-se dar continuidade a esta pesquisa. Nossa intenção é a de realizar um experimento com o protótipo, aplicando-o em turmas de Ensino Médio Integrado nos cursos técnicos de Lazer e de Multimídia do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, campus Natal Cidade e Alta.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. A tecnologia precisa estar presente na sala de aula. **Educar para Crescer**, São Paulo, Abril S/A, 2014. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/627/maria-elizabeth-de-almeida-fala-sobre-tecnologia-na-sala-de-aula>. Acesso em: 22 abr. 2021.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014, p.95-113.

ARAÚJO, N. M. S. A avaliação de objetos de aprendizagem para o ensino de língua portuguesa: análise de aspectos tecnológicos ou didático-pedagógicos? In: ARAÚJO, J.; ARAÚJO, N. M. S. (org.). **EAD em tela: docência, ensino e ferramentas digitais**. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 179-207. Disponível em:

https://www.academia.edu/6472457/Referência_ARAÚJO_Nukácia_M_A_AVALIAÇÃO_DE_OBJETOS_DE_APRENDIZAGEM_PARA_O_ENSINO_DE_LÍNGUA_PO RTUGUESA_ANÁLISE_DE_ASPECTOS_TECNOLÓGICOS_OU_DIDÁTICOPELAGÓGICOS. Acesso em: 12 fev. 2021.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. Organizado por Augusto Ponzio e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE-UFSCar. 2. ed. São Carlos: Pedro e João, 2012.

BRAIT, B. PCNS, gêneros e ensino da língua: faces discursivas da textualidade. *In*: ROJO, R. (org.). **A prática de linguagem em sala de aula**: praticando os PCNs. São Paulo: Mercado de Letras, 2000, p.20-24.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Multiliteracies: New literacies, new learning. **Pedagogies**: An International Journal, Nanyang Walk, v. 4, n. 3, p. 164-195, 2009. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15544800903076044>. Acesso em: 22 abr. 2021.

GERALDI, J. W. Da redação à produção de textos. *In*: CHIAPINI, L. (org.). **Aprender a escrever com textos de alunos**. São Paulo: Cortez, 1998. p. 123-140.

KOTOBEE, **Como podemos agir no mundo e transformá-lo?**. Disponível em <<https://shared.kotobee.com/#/book/38479/reader/chapter/1?vi=0>>. Acesso em: 01 jan. 2022.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. Sampling “the New” in New Literacies. *In*: KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. (org.). **A New Literacies Sampler**. New York: Peter Lang, 2007, p. 1-24. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/291334749_A_New_Literacies_Sampler_Cover_plus_Introduction. Acesso em: 20 abr. 2021.

LEMKE, J. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tla/v49n2/09.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2021.

MENDES, R. M.; SOUSA, V. I.; CAREGNATO, S. E. A propriedade intelectual na elaboração de objetos de aprendizagem. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2004, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: Ed. da UFBA, 2004. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/548>. Acesso em: 20 fev. 2021.

MOITA LOPES, L. P. (Orgs.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ROJO, R. H. R. Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-32.

ROJO, R. H. R. Entre Plataformas, ODAs e Protótipos: novos multiletramentos em tempos de WEB2. **The ESPECIALIST: Descrição, Ensino e Aprendizagem**, [s. l.], v. 38, n. 1, p. 5-25, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/32219>. Acesso em: 06 mar. 2020.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

VOLOCHINOV, V. N./BAKHTIN, M. M. **Discurso na vida e discurso na arte**: problemas da poética sociológica. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para fins didáticos. Disponível em: <http://www.uesb.br/ppgcel/Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2021.

Tatiani Daiana de NOVAES

Pós-doutora em Língua Portuguesa e Filologia pela Universidade de São Paulo (USP), área de concentração Linguística Aplicada do Português (2021); doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), área e concentração Linguística Aplicada (2018); mestra em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), área de concentração Estudos Discursivos (2007); especialista em Leitura de Múltiplas Linguagens pela Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), (2004); graduada em Letras Português-Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2002). Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), trabalhando com turmas de Ensino Médio Integrado, Técnicos Subsequente e cursos de Graduação.

Recebido em 28/07/2022 - Aceito em 24/fevereiro/2022